



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

A FRAGMENTAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: O ENCOBRIMENTO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE IMPULSIONADO PELA CULTURA PÓS-MODERNA.

Amanda Sales da Silva (a) - a
a

A FRAGMENTAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: o encobrimento da consciência de classe impulsionado pela cultura pós-moderna.

Palavras-chave: movimentos sociais, consciência, classe, pós-modernidade.

THE FRAGMENTATION OF SOCIAL MOVEMENTS: the cover-up of class consciousness.

Keywords: social movements, consciousness, class, postmodernity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende problematizar, por meio de uma reflexão teórica, a organização política dos movimentos sociais brasileiros, considerando que a lógica pós-moderna vem exercendo grande influência na forma como a classe trabalhadora vem encaminhando suas reivindicações e no caminho perigoso em subestimar a categoria da consciência de classe – em consequência a luta de classes - em função dos particularismos, ou dos chamados movimentos identitários, que trazem demandas e reivindicações pertinentes ao dado momento histórico, mas que tomadas pela imediatividade fomentada pela ideologia pós-moderna perde a mediação da historicidade e da totalidade não se constituindo anticapitalista.

2. AS NOVAS ESTRATÉGIAS DO CAPITAL: a reestruturação produtiva e as mudanças para a classe trabalhadora.

Na época atual, encontramos um capitalismo muito mais globalizado, com grandes influências do capital financeiro, - transformando o dinheiro fixo em um fluxo-, atomizando seu potencial de lucro, mesclado com o poder midiático informacional que incide diretamente na vida das pessoas em áreas antes não vistas. A tecnologia antes vista só como uma aliada para aumentar a produção, também começa a fazer parte das relações sociais na área da comunicação, ampliando a visão de mundo e "encurtando distâncias" (HARVEY, 1993).

Para Antunes (1999), após a década de 1970, o capital atualiza suas estratégias para a saída da crise daquele período, evitando a queda da taxa de lucro que remonta o cenário global sentido até hoje. Destas transformações, conhecida como reestruturação produtiva do capital, a priori se estabelecem na produção e no trabalho com sua nova forma mais flexível, desmonte do WelfareState, hipertrofia do sistema financeiro e ascensão do Estado neoliberal, rebatem nas relações de produção e na sociabilidade humana, mais globalizada, complexa e feitichizada.

Tanto para Harvey (1993) quanto para Antunes (2002), os efeitos da mundialização do capital são cada vez mais catastróficos para a vida dos trabalhadores. Atualmente formam uma classe social muito mais plural que o "antigo perfil de proletariado" (homem branco), ele se complexifica, encarna nossas identidades e tende lidar com a vulnerabilidade de camadas desprivilegiadas da sociedade (negros, gays, mulheres, imigrantes, minorias étnicas e etc) que acumulam novos estigmas benéfico para a ampliação da exploração. Enquanto isso a força sindical encontra dificuldades na construção de um bloco sólido de luta e enfraquece no decorrer dos anos.

Assim, o alargamento da democracia se correlaciona ao domínio do espaço em busca de uma soberania popular que construa um projeto de acordo com aquilo que interliga os movimentos sociais e, reconhecer que o modo de produção capitalista pautado na contradição nada em sentido oposto em defesa dos direitos sociais é a peça chave para essa correlação de forças na luta de classes: "De

fato, boa parte da cor e do fermento dos movimentos sociais, da vida e da cultura deriva precisamente da infinita variedade da textura de oposições às materializações do dinheiro, do espaço e do tempo em condições de hegemonia do capital."(HARVEY, 1993, P.217)

Desta forma, a mundialização do modo de produção capitalista atinge numa esfera mais global, impregna-se em todos os âmbitos da vida social não vistos antes, associada a uma violenta taylorização a revolução tecnológica, com uma dinâmica cultural que ganha espaço nesta fase mais consolidada do capitalismo.

2. A PÓS-MODERNIDADE E A FRAGMENTAÇÃO DA CLASSE: a ideologia que legitima o encobrimento da luta de classes.

Com um movimento que se inicia no começo do século XX, presenciamos uma mudança explícita na dinâmica espaço-tempo (HARVEY, 1993), que é marcada pela fluidez, volatilidade e contração das relações sociais. Essa transição não acontece de maneira espontânea e natural, pois ela se inicia primeiramente na maneira como o capitalismo reage a crise da década de 1970, influenciando sua produção, na relação com o Estado por conseguinte nos atingindo. Contrária ao projeto de modernidade, denomina-se pós-modernidade este movimento que aplaude o fim das metanarrativas e grandes teorias sociais, priorizando as experiências individuais e o relato narrativo (LYOTARD, 2000).

Há uma linha tênue que perpassa entre a organização dos movimentos e àqueles que advogam pautados no pensamento pós-moderno, que esconde um relativismo ou em alguns casos um derrotismo (HARVEY, 1993). O derrotismo talvez seja um fenômeno mais conhecido e entoado pelas vozes da direita conservadora ao perder seu viés progressista em desacreditar numa sociedade para além da capitalista, já o relativismo sofre mutações e ganha espaço infiltrando-se nos movimentos sociais de esquerda, alegando a defesa das identidades multifacetárias da sociedade, de camadas minoritárias e marginalizadas.

Todavia, seu excesso de presentismo dificulta sua capacidade teleológica de construção, e seu divórcio com o passado e o futuro corte com a continuidade histórica, desembocam no humano-genérico (LUCKÁS, 2002). No Brasil, o histórico de leis trabalhistas, a escravidão recente e sua posição de subordinação

Outro paradoxo que aumenta nos tempos atuais, com a ajuda do discurso pós-moderno, é na defesa de um individualismo mascarado de individualidade e na luta pela "democracia". Essa defesa intransigente, já problematizadas por Rouanet (2001) como uma proliferação de "particularismos", muitas vezes se utiliza do "direito democrático", para financiar a intolerância de um projeto comum e em unidade que nos permita ultrapassar o estágio capitalista de exploração. Esse é uma tendência da pós-modernidade que rejeita os metarelatos, reiterando a lógica de *"cada um no seu quadrado"*;

que se expressa no afastamento das lutas sociais e na aproximação da visão reformista. Aprofundando a questão:

Não é um acidente, pois, que grupos, categorias e segmentos sociais se empenhem na construção de “novas identidades” culturais, nem que busquem, dramaticamente, estruturar suas “comunidades”. A “cultura global” se movimenta entre a produção/divulgação/consumo mercantilizados de “artefatos globais” e a incorporação/consagração de expressões particularistas – movimenta-se entre o cosmopolitismo e o localismo/singularismo, entre a indiferenciação abstrata de “valores globais” e particularismos fundamentalistas. Quer no cosmopolitismo, quer no localismo/singularismo, há uma nítida desqualificação da esfera pública universalizadora. Nessa cultura, parece vigorar a máxima segundo a qual ‘não há sociedade, só indivíduos’. (NETTO, 1996, p. 98)

Na análise de Eagleton (1997) em seu livro *As Ilusões do pós-modernismo*, a pós-modernidade apresenta uma ambivalência funcional ao capitalismo e sedutora ao movimentos sociais no tempo presente, pois a amnésia proposital pós-modernista não problematiza questões de classe, economia, política e etc que ferem o modo de produção capitalista: “(...) o poder do capital mostra-se agora de uma familiaridade tão desencorajante, de uma onipotência e onipresença tão elevadas, que mesmo grandes setores da esquerda lograram naturalizá-lo, aceitando-o como um estrutura tão inexorável, que é como se eles mal tivesse peito para tocar no assunto” (p.31). Entretanto o pós-modernismo dá voz, não cala questões particulares abafadas pela modernidade. Ou seja, a política da pós-modernidade primeiro enriquece destes temas plurais, mas por outro revela sua evasão dos temas de classe, estruturais.

Em Telles (2006), vemos a problemática desta fragmentação dos grupos sociais que já conta com um agravo dos tempos neoliberais, pois há a perda da legitimidade dos direitos sociais, que são vistos como custos e ônus em vez de justiça e igualdade, ampliação da cidadania. Há uma grande diferença entre discurso humanitário e discurso de cidadania, que trata os cidadãos como sujeitos falantes, ativos e conscientes, e não como objetos de políticas e massa de manobra. A estratégia é somente garantir os mínimos sociais, para esconder o que pode ser mais garantido pela população, ou seja garantir uma sobrevivência, não uma vida social com direitos.

3. CONCLUSÃO

Não cabe a este trabalho deslocar toda a problemática da secessão na organização dos movimentos sociais contemporâneos na “conta” da pós-modernidade, nem desmerecer passando um rolo compressor nos movimentos identitários que exercem um papel considerável na sociedade, todavia é de suma importância tratar desta questão e de sua ligação com a cultura pós-moderna como uma pedra de tropeço para a construção de um modo de sociedade alternativa ao capitalismo, reiterando a emergência de uma teoria social capaz de ferir as questões estruturais ordem do capital. Talvez a

metáfora do “enxugar gelo” melhor expõe todo o movimento que afirma as particularidades, mas por outro não toca no cerne da questão que produz as desigualdades e outras formas de segregação social.

Deste modo nos indagamos: Qual o objetivo dos movimentos sociais, independente de seus segmentos? Há algo que os interligam ou a aproximação dos seus pontos em comum traria enfraquecimento de suas particularidades? A afirmação de um movimento passaria pela exclusão do outro? Qual o ponto que irá nos unir? A consciência de classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. *Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho*, São Paulo: Cortez, 2002.

DAGNINO, E. (org.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Editora Zahar: São Paulo, 1997.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Edição Loyola, 1993.

TELLES, V. da S. *Direitos sociais: afinal do que se trata?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: 6º ed. José Olympio Editora, 2000.

LUKÁCS, G. *Sociologia. A decadência ideológica da burguesia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Ática, 1992.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-Estar na Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.